

A SUBVERSÃO FEMININA EM A ESTRELA SOBE, DE MARQUES REBELO

ANA PAULA LIMA CARNEIRO*

MANOEL FREIRE RODRIGUES**

RESUMO: Este artigo discute aspectos relacionados à subversão feminina em *A estrela sobe* (1939), romance de Marques Rebelo, mostrando como o referido escritor compreende a realidade social da mulher a partir da descrição e análise das práticas da protagonista Leniza, a qual não mede esforços para se tornar cantora de rádio. A pesquisa foi realizada com base em um aporte metodológico de cunho bibliográfico, centrada em concepções de base sociológica e na teoria feminista. Foi possível inferir que a personagem é uma mulher avessa ao casamento e à maternidade, recusando seguir os valores tradicionais vigentes.

PALAVRAS-CHAVE: Subversão; Personagem; Mulher; Marques Rebelo.

FEMALE SUBVERSION IN A ESTRELA SOBE, BY MARQUES REBELO

ABSTRACT: This article discusses aspects related to female subversion in *A Estrela sobe* (1939), a novel by Marques Rebelo, showing how the writer understands the social reality of women from the description and analysis of the practices of the protagonist Leniza, who spares no efforts to become a radio singer. The research was carried out based on a methodological contribution of bibliographic nature, centered on sociological concepts and feminist theory. It was possible to infer that the character is a woman averse to marriage and motherhood, that is, she does not follow the traditional values in force.

KEYWORDS: Subversion; Character; Woman; Marques Rebelo.

* Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

** Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2009). Professor de literatura brasileira da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade.

INTRODUÇÃO

Neste artigo objetivamos analisar a representação da mulher no romance *A estrela sobe*, de Marques Rebelo, com foco na protagonista Leniza Máier. O referido romance foi publicado pela primeira vez em 1939, sendo que utilizamos a edição de 2009, publicada pela Livraria José Olympio Editora. Para tanto, investigamos as relações sociais inscritas no espaço do texto, tendo como base a teoria de Antonio Candido, considerando o social como fator estruturante da narrativa, visto que a temática da obra em estudo repousa sobre questões da época.

A temática deste estudo justifica-se pela importância da análise da obra no quadro dos estudos literários, no que diz respeito à representação da mulher na literatura da década de 1930. Essa tônica surgiu pelo anseio e possibilidade de realizar um estudo mais aprofundado acerca do universo ficcional de Marques Rebelo, um escritor que não se encontra entre os consagrados do modernismo de 1930, pois apresenta um viés urbano, o que difere da temática rural da maioria dos ficcionistas da época. De acordo com Alfredo Bosi (1994), o autor de *Oscarina* consolida uma das linhas de força do Modernismo que a geração de 1922 havia apenas iniciado: a prosa urbana moderna, com a diferença fundamental de que ele não rompeu totalmente com a tradição do realismo citadino, dando continuidade à linha de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto, dos quais se aproxima tanto pelos temas explorados quanto por aspectos estilísticos. Ainda segundo o crítico, o equilíbrio entre: “proximidade e distância do narrador em face dos seres da ficção é o pressuposto do neo-realismo de Marques Rebelo e a chave de uma obra que testemunha o povo, sem populismo, e fixa as angústias do homem da rua sem a mais leve retórica” (BOSI, 1994, 463), o que nos lembra as melhores realizações de Lima Barreto.

Tecidas essas considerações, abordamos a seguir alguns aspectos da condição das mulheres na sociedade da década de 1930. Analisamos a condição social da personagem feminina no romance *A estrela sobe*, por meio das ações praticadas pela protagonista Leniza, que pode ser considerada uma personagem que apresenta uma construção subversiva, na medida em que não segue as “regras” sociais de sua época, abrindo mão de alguns valores morais vigentes.

A CONSTRUÇÃO SUBVERSIVA DE LENIZA MÁIER

Em *A estrela sobe*, Marques Rebelo nos apresenta a história de uma moça de origem humilde que aspira à ascensão social. Leniza sonha alcançar uma boa condição financeira, tornando-se cantora de rádio, e para conseguir sua ascensão artística, não hesitou em se relacionar sexualmente com algumas pessoas que lhe serviram de degraus para realizar seus objetivos, saindo do espaço doméstico para ocupar outros espaços, buscando a sua liberdade. No entanto, verificamos que ela foi mais “usada” que “usou” outras pessoas.

É possível enfatizar, relacionando a ficção com os aspectos históricos, que durante a primeira metade do século XX, a presença da mulher no meio artístico não era bem vista, devido aos fatores socioculturais que a excluía do espaço público. No romance em questão, podemos constatar isso com o discurso de seu Meneses, quando Leniza foi pedir demissão do emprego de vendedora de remédios:

- É por questão de ordenado, menina? [...].
- Não, seu Meneses [...]. Não quero mais trabalhar, ou melhor, vou trabalhar em outra coisa.

- Ele via a “coisa” longe:
- Em que coisa, menina? – perguntou macio, muito sagaz.
 - No rádio, seu Meneses.
- Deu um pulo da cadeira como se tivesse visto uma cobra:
- No rádio?!
 - No rádio, sim, seu Meneses.
 - Mas que é que você vai fazer no rádio? – perguntou com uma grande incredulidade.
 - Cantar, seu Meneses.
- Como ele colocava os poetas, os escritores, os músicos, os pintores, todos os artistas, em suma, numa única categoria – a dos malandros - não se conteve:
- Mas isso não é profissão, menina. É malandragem!
 - É uma opinião sua, seu Meneses. A minha é diferente. (REBELO, 2009, p. 87)

Muitas personagens, como o seu Menezes, rotulavam quem vivia da rádio como de “vida fácil”, um indivíduo esperto que age desonestamente, recebendo dinheiro sem nenhum esforço; enquanto que outras tinham opinião diferente, como a personagem Leniza, que ficou fascinada pelo ambiente radiofônico, considerando um espaço em que se podia ascender socialmente. Conforme as concepções da historiadora Lia Calabre (2004):

Durante a década de 1930, o rádio despertou sentimentos que variavam do fascínio à rejeição. O universo radiofônico estava impregnado de todo tipo de estereótipo: Era lugar da fama e da ascensão social, e ao mesmo tempo o ambiente da marginalidade e dos marginais, proibido às pessoas de “boa família”. (CALABRE, 2004, p. 25)

Dessa forma, para a sociedade da época, esse não seria um ambiente adequado para moças casadoiras, ou seja, moças de famílias tradicionais que estão na idade para o casamento e que têm como objetivo garantir um marido, apresentando um comportamento correspondente ao modelo ideal de mulher definido socialmente.

Por meio da referida narrativa, podemos verificar duas faces da sociedade, pois de um lado nós temos uma sociedade tradicional, conservadora e patriarcal, conceitos fortes na sociedade da época; de outro o olhar de Marques Rebelo capta movimentos que apontam para uma nova ordem social. Essa visão do autor pode ser exemplificada por meio do ambiente no qual a protagonista passa a conviver na rádio, com mulheres e homens, e, também no momento em que ela vai trabalhar. Esse aspecto do autor demonstra a sua atualidade, pois a época em que a obra foi produzida corresponde a um período em que se rotulavam as mulheres do meio artístico de maneira negativa. E pelo motivo de as pequenas estações de rádio não pagarem quase nada de salário, muitas cantoras procuravam outros meios para conseguir sobreviver. Podemos verificar isso por meio do diálogo entre Porto e Leniza:

- Recebo uma miséria, quando recebo. Ando sempre pendurado. Ajeito-me por outros lados.
- Mas eu não tenho outros lados.
- Porto viu a conversa chegar, mais depressado que calculara, ao ponto que queria:
- Tem sim. Todos têm os seus “outros lados”. É que nunca fez caso deles, nunca soube explorá-los, fazê-los render.
 - Mas que “outros lados” são estes tão misteriosos, então, que eu não vejo?

- Não viu porque não quis ver. Você não é nada cega... Nada.
- Acho que sou cega sim, porque, francamente, não percebo.
- Não percebe, Leniza?
- Não. Parece que não são ondas para as minhas antenas.
Porto riu e começou a explicar (ela ouvia-o, séria):
- É o que todas fazem, Leniza. Tudo isso é uma ilusão. É o que todas fazem.
Ela sorriu:
- Todas?
- Não, todas não. Mas quase todas – apoderou-se dele uma forte repugnância pelas suas palavras, sentiu-se abjeto, arrematou: - Ninguém pode viver da Metrópolis. Você não viu logo?
Foi Dulce, mais uma vez, quem a salvou, comparecendo com os seiscentos mil-réis. Pagou o que pôde e ficou a nenê. (REBELO, 2009, p. 166-167).

Esse “outro lado” seria utilizar o corpo como uma mercadoria de troca, como a protagonista fazia com o intuito de alcançar os objetivos almejados, já que não recebia o combinado na emissora de rádio. Porto teve o propósito de mostrar que cada um tem os seus lados, pois quando ele afirmou que ninguém vivia da rádio mostra que todos tinham outras formas de conseguir dinheiro, inclusive ele.

Leniza recebia de seus amantes o dinheiro correspondente ao que a rádio Metrópolis pagaria, e enganava a mãe ao falar que tinha recebido o seu salário. Quando passou a trabalhar na rádio Continental, que pagava o salário certo, Leniza continuou com amantes, pois queria subir sempre mais. A utilização das pessoas como um julgamento de valor material, ou seja, julgando o valor das pessoas de acordo com as vantagens materiais que elas poderiam lhe proporcionar, pode ser observada durante toda a trajetória da moça, desde antes de Leniza se tornar cantora de rádio, pois seus “amiguinhos” sempre mudavam, “Não suportava uma semana a mesma cara, a mesma voz, os mesmos beijos” (REBELO, 2009, p. 28). Mesmo com seu talento artístico, Leniza só entrou para a rádio Metrópolis com a ajuda do amante Mário Alves, e, depois que se tornou cantora, ela trocava de amantes quando eles não lhe serviam, ou quando encontrava outro que estivesse disposto a ajudá-la mais. Esse comportamento de Leniza, que o narrador apresenta sem qualquer ranço moral ou julgamento de valor, revela uma visão aberta e moderna de Marques Rebelo sobre a sociedade de sua época, quando as possibilidades de realização profissional e ascensão social começam a se abrir para as mulheres, numa cultura sob vários aspectos ainda conservadora, marcada pelo machismo e preconceitos diversos, de forma que só as mais ousadas e “subversivas”, como Leniza, conseguiam ultrapassar certas barreiras.

O primeiro amante depois que Leniza iniciou a carreira de cantora foi Mário Alves. É importante ressaltar que ela começou a se interessar por ele quando soube que tinha amigos nas emissoras de rádio, e, foi com a influência do referido homem que ela conseguiu alcançar seu objetivo. Observamos ainda que Leniza considerava essa situação uma relação de favor, uma ajuda, pois Mário Alves iria cobrar um preço caro, conforme o diálogo entre o casal: “- Tudo tem seu preço... – e ele riu com intenção. – Não te incomodes, que eu pedirei a conta.” (REBELO, 2009, p. 60). Leniza “usa” Mário Alves, mas ao mesmo tempo estava sendo “usada”, pois o preço pago pela aprovação foi a perda da virgindade, e, no final do mês ela não recebeu o que tinham combinado.

Na sociedade do início do século XX, a relação sexual antes do casamento era considerada uma prática ilegítima, pois, de acordo com Maluf e Mott (1998, p. 386), era: “[...] no lar, no seio da família, que

se estabeleciam as relações sexuais desejadas e legítimas, classificadas como decentes e higiênicas”. Praticar sexo fora do casamento, para as moças, seria desfrutar de prazeres que não lhes pertenciam, pois o sexo era tido como um tabu. A sexualidade feminina deveria ser confinada ao casamento, conforme as concepções da ensaísta americana Sueann Caulfield (2000, p. 226): “A perda da virgindade era um evento crítico na vida de uma mulher solteira, provocando fofocas na vizinhança (às vezes até matérias nos jornais) [...]”, pois a virgindade era um pré-requisito para o casamento. É importante ressaltar que Leniza consentiu a realização do ato sexual, mas logo depois passou a sentir nojo de Mário Alves: “Nunca nada lhe soara tão falso, tão odioso! Venceu um nojo incrível para oferecer os lábios que Mário espremeu com crueldade, amassando-lhe os seios contra o peito. Leniza parecia de pedra.” (REBELO, 2009, p. 77), lembrando que, no período retratado na obra, fazer sexo fora do casamento era uma questão de desonra e falta de dignidade.

O segundo relacionamento de Leniza depois que começou a cantar foi com Dulce, uma cantora de rádio, que a ajudou financeiramente com a quantia combinada que receberia da rádio Metrópolis, além de apresentar muitos compositores. Leniza começou a se relacionar com Dulce quando percebeu que Mário Alves a enganou, por ela não ter recebido o combinado da estação radiofônica.

Verificamos que em uns momentos a protagonista tem um comportamento transgressor, mas no fundo ela se sentia constrangida ao infringir as regras e convenções sociais, como podemos observar em relação à Dulce, com quem teve uma relação homoafetiva. No início ficou encantada com as atitudes de Dulce, mas depois apresentou freios morais, gostava das carícias e criticava isso, considerando um tabu fazer sexo com outra mulher, ou seja, rejeitando a relação homoafetiva que tivera outrora. Dessa forma, podemos afirmar que a referida protagonista foi criada nos moldes da década de 1930, ela é fruto de seu tempo, apesar de estar sempre à frente, por meio de algumas de suas atitudes. Leniza demonstrou que tinha receio de que a mãe soubesse de sua relação com a cantora de rádio, e também passou a sentir vergonha do Dr. Oliveira, um médico que conheceu quando era vendedora de remédios, com o qual teve um relacionamento com várias idas e vindas, pois ele sabia que Dulce era lésbica e também pelo motivo de o referido médico saber de sua relação com a referida mulher e ter reprovado: “Leniza tinha um nó na garganta – cólera, vergonha, opressão. Ele seguia-a. Ele sabia de tudo. Ele zombava dela, cheio de um sarcasmo que jamais conhecera nele. [...] O que lhe doía mais era que Oliveira tinha razão” (REBELO, 2009, p. 163). E pela primeira vez ela sentiu vergonha de dona Manuela, mesmo a mãe não sabendo do caso com Dulce, ainda: “Sentiu vergonha – a mãe sofrera, muito mais do que ela, e através de todas as vicissitudes se mantivera corajosa e honesta! [...] - Como a enganava!...e ela tão boa, tão ingênua, tão crédula... E se soubesse, um dia?! Nem queria pensar” (REBELO, 2009, p. 64). Ela não sentia apenas vergonha da mãe e do homem que amava, mas das outras pessoas, pois quando Porto perguntou por Dulce ela não quis falar, não revelou nada do relacionamento para ninguém.

Verificamos ainda que Leniza não se considerava devedora do dinheiro que recebia de sua amante, pois ela via a prática do ato sexual como um pagamento, como pode ser constatado por meio do trecho em que a referida cantora rompeu o relacionamento com Dulce: “Ingrata! Ingrata!, gritara Dulce mil vezes, como se nessa palavra estivesse firmada a sua única possibilidade de defesa. Ficara insensível, atacara ferozmente: - Paguei com meu corpo! Paguei com meu corpo!” (REBELO, 2009, p. 167), ou seja, Dulce considerava a ajuda um favor, mas que era retribuído por Leniza. Essa prática de Leniza nos leva a entender que como nos demais relacionamentos ela também não se sentia em dívida, pois na verdade não estava recebendo ajuda, já que estava utilizando o corpo como uma forma de pag-

amento, uma moeda de troca. E, mesmo estando com amantes, ela não deixou de se encontrar com Dr. Oliveira, mas sem estabelecer uma relação de troca, pois o amava.

A conduta da protagonista não mudou quando ela começou a cantar na rádio, pois desde cedo os mistérios da vida foram revelados a ela, acarretando um comportamento diferenciado. O narrador mostrar que esse comportamento foi, em parte, resultado do convívio com hóspedes homens que não tinham pudor e das conversas que tinha com as colegas de trabalho, da escola e com as amigas da rua, conforme o seguinte trecho:

A promiscuidade com os hóspedes da comadre facilitara uma parte. Via-os constantemente nus, nos quartos de portas abertas, de propósito ou não, no chuveiro e latrina comuns; ouvia as suas conversas livres, seus ditos pesados, suas anedotas bocagianas. As meninas do colégio, as amigas da rua, completaram a instrução. Teve os primeiros namorados, meninos de calças curtas. De volta da escola, fugia com eles para recantos desertos, onde trocavam beijos. Às quintas-feiras, havia entradas grátis no cinema da rua Larga, fornecidas pelo dono à meninada mais aplicada das escolas do bairro. Na escuridão propícia a concessões mais amplas, deixava-se levar a sensações mais positivas, sem que contudo sentisse o que outras diziam sentir. (REBELO, 2009, p. 12)

Os hóspedes da pensão eram sujeitos decadentes econômica e moralmente. Dessa forma, Leniza não teve uma infância que correspondesse ao que é adequado para uma criança, visto que passou a ter um conhecimento impróprio para a sua idade, fato que pode ter influenciado, em parte, na formação da conduta quando moça, pois passou a se valer da sua beleza e inteligência para lutar por seus objetivos.

Leniza não se prendeu aos empregos, buscou novas oportunidades, novos paradigmas, podendo se enquadrar no perfil de mulher moderna, porque começou a trabalhar cedo (fato que foi determinado pela pobreza). Leniza questionava as normas, impostas pela sociedade, com o seu comportamento e não dava espaço para sentimentalidades, estando de acordo com a mulher moderna preconizada pela revolucionária Alexandra Kolontai (2011), que não é apenas aquela independente economicamente, mas aquela que constrói a sua autonomia e individualidade.

Como nos lembram Maluf e Mott (1998), no início do século XX, a mulher podia trabalhar fora, mas com a autorização do marido, pois era vista como propriedade do homem, já que ela não podia atuar livremente, como a personagem Leniza fazia. De acordo com as palavras de Caulfield (2000):

No começo do século XX, muitas jovens de 'boa aparência' (um eufemismo para 'cor branca') da classe trabalhadora podiam conseguir emprego como vendedoras nas confecções e nas novas lojas, que atendiam principalmente às consumidoras mais ricas. Como essas profissões expunham as moças aos espaços públicos, elas ficavam sob suspeita de 'prostituição clandestina' pela Polícia e outras autoridades públicas. (CAULFIELD, 2000, p. 121)

Dessa forma, a sociedade era dominada pelas estruturas patriarcais, tendo como base a família, existindo uma oposição entre vida privada e vida pública, em que a casa deveria ser um lugar "honrado" e distante das desordens presentes na rua.

O comportamento da protagonista veio quebrar o papel de mulher pré-estabelecido pela sociedade da época, podendo ser tachada como prostituta, por vender o corpo a vários homens e a uma mulher. E, conforme as concepções de Beauvoir (2016), essa foi a válvula de escape de muitas mulheres durante vários períodos históricos, na resistência contra a dominação masculina. Elas enveredavam por essa porta, de acordo com Beauvoir (2016, p. 378), porque: “Por esse caminho, a mulher consegue conquistar certa independência. Entregando-se a vários homens, não pertence definitivamente a nenhum; o dinheiro que junta, o nome que ‘lança’ como se lança um produto, asseguram-lhe uma autonomia econômica”, e o que importava para Leniza era ser economicamente autônoma.

Leniza teve cinco relacionamentos mais sérios com homens: Astério, empregado de uma agência de transporte; Oliveira, médico; Mário Alves, vendedor de rádios que conhecia muitos artistas e que ajudou a ela entrar para a emissora de rádio Metrópolis; Porto, diretor de radiodifusão da emissora Metrópolis, rádio em que Leniza iniciou a carreira de cantora; e Amaro, um velho, dono de uma fábrica de calçados finos; além de um relacionamento com uma mulher, Dulce, cantora de rádio. No entanto, ela se relacionou com outros, dos quais não são fornecidas muitas informações. Isso pode ser verificado em vários trechos da narrativa, desde quando ela era criança, com os meninos da escola; e na juventude, quando ia para as festas com as amigas. “Velhos amiguinhos de festas, recentes amiguinhos (médicos muitos) [...]. Bem que muitos deles queriam se firmar ao seu lado. Dava o conta. Amiguinhos só. Um beijo, dois... e basta! compromisso, não. Nada de prisões.” (REBELO, 2009, p. 28), ou seja, Leniza não queria se prender a nenhum homem, mas dispor de sua liberdade, como acontecia com outras personagens da narrativa, tais como: Nair e Dulce que “passavam de mão e mão”, como se essa fosse a punição por não seguirem as normas estabelecidas socialmente.

No tocante ao trabalho, o seu primeiro emprego foi em uma fábrica de balas, nesse período Leniza ainda era um pouco ingênua, lá sofreu assédio sexual do responsável da seção de empacotamento. No entanto, o emprego não durou muito tempo, porque Leniza foi despedida por não se submeter aos desejos do referido homem, que era um rapaz de confiança do patrão. Desse modo, podemos refletir acerca da condição da mulher durante a primeira metade do século XX, pois provavelmente muitas mulheres que viviam do trabalho assalariado, como Leniza, estavam sujeitas à opressão praticada geralmente por uma pessoa de posição hierárquica superior, ou seja, podendo ser assediada sexualmente pelos patrões, mostrando a vulnerabilidade da mulher. Vale ressaltar que essa realidade não é única de outrora, pois isso também pode ocorrer na sociedade de hoje.

Não obstante, Leniza foi assediada sexualmente em outros momentos, ou seja, não aconteceu apenas no trabalho, mas quando ela ia para festas e voltava de madrugada no carro dos amigos: “Voltava alta madrugada no automóvel dos amiguinhos, que a obrigavam, na descida, a certas pequenas compensações a que não se furtava [...]” (REBELO, 2009, p. 18). Esse aspecto dos dois ocorridos nos revela um dado recorrente de uma sociedade onde a mulher habita a margem, sendo vítima de assédio sexual e moral. De acordo com Teles e Melo (2003):

[...] o assédio sexual é um ato de poder em que uma pessoa que ocupa posição superior no trabalho, na escola ou em outras instituições aproveita-se dessa condição para insinuar ou fazer proposta sexual sob ameaças de perda do emprego ou do espaço ocupado, de não ter promoção, de ser humilhada ou intimidada (TELES; MELO, 2003, p. 38).

Observamos que quando era apenas uma pequena funcionária, Leniza passou a conviver com dois mundos, o público, que corresponde às ruas do centro da cidade carioca; e o privado, a pensão, ambiente familiar que não era tão particular, pois existia a presença constante dos hóspedes estranhos, sendo que no mundo doméstico a figura moralizante é dona Manuela. De acordo com Roberto DaMatta (1997), a casa e a rua são entidades morais, designam esferas da ação social; e, no geral, o interior da casa é destinado às mulheres, enquanto que o ambiente da rua aos homens, ou seja, a oposição existente entre casa e rua/trabalho cria um sistema de relacionamento respectivamente entre mulheres e homens, e Leniza convive nessas duas esferas.

Conforme as palavras de DaMatta (1997, p. 53), o ambiente da casa corresponde a: “Um espaço infenso ao tempo linear, onde as coisas ‘lá de fora’, do mundo e da rua não atingem, com seus novos valores de individualização e subversão, a sua velha e boa ordem estabelecida pelas diferenças de sexo, idade e ‘sangue’”. Isso pode ser verificado na personagem Leniza, pois na rua ela não obedece às “regras”, enquanto em casa buscava sempre mostrar à mãe que segue as normas impostas socialmente. Dessa forma, a casa pode ser considerada como uma ordem, mas que se comunica com a desordem (a rua), já que é cercada por ela, concordando com as concepções de Caulfield (2000, p. 33) ao dizer que: “A casa é o espaço privado da ordem e hierarquia social natural baseada em sexo e idade; a rua, o espaço desprotegido e público da desordem, anonimato e perigos morais e físicos”, ou seja, são dois pólos que se relacionam, mas que possuem valores e práticas diferentes.

O segundo emprego de Leniza foi num laboratório farmacêutico, trabalho que se resumia em colocar rótulos em frascos, arrumá-los em caixas e depois selá-los e etiquetá-los. Nesse período, surgiu o primeiro namoro sério, com Astério, um dos hóspedes da pensão e empregado de uma agência de transporte. Por meio desse namoro podemos observar a contradição de Leniza, pois ela queria namorar Astério, mas não queria assumir para a mãe esse relacionamento, e dentre as alternativas que existiam para uma moça, ela ficou entre ser desregrada ou esposa, lembrando que o desejo da mãe não coincide com o dela, podendo ser considerada contrária a muitas moças que vivem à espera de um casamento.

O comportamento de Leniza era desviante em relação à conduta das “moças de família” da época, pois não namorava em casa, mas escondida, ela não queria que a mãe soubesse do seu namoro, “Quando não se refugiavam nos cinemas, iam para as sombras noturnas e camaradas das ruas próximas, ruas escuras da Saúde, ruas em escadinhas fétidas, e lá ficavam atacadados, horas e horas.” (REBELO, 2009, p. 21-22), conduta considerada imoral pela sociedade da época. É importante ressaltar que por meio desse relacionamento, que durou pouco tempo, podemos observar a primeira recusa de Leniza ao projeto familiar, conforme é comprovado por meio do diálogo entre ela e Astério:

- Você não gosta de mim?
- Uma loucura! - e procurava-o, apertava-lhe a mão, colava a boca nos lábios do namorado.
- Eu ganho pouco, mas bem que se podia dar um jeito e casar.
- Casar, agora, não.
- Mas por quê?!
- Porque não. É cedo. (Mentia. Não. Não era por isto. Era porque... Como explicar aquilo? Ela mesma não sabia) (REBELO, 2009, p. 21).

Leniza não cumpriu com o papel de uma mulher de estrutura familiar patriarcal, recusou-se

seguir os valores tradicionais vigentes, ou seja, ela não seguiu os princípios morais de comportamentos impostos, por não enxergar o casamento como fundamental para a mulher, lembrando que esse tipo de imposição atravessou não só a década de 1930, mas muitas décadas. Verificamos que quando ela entrou para a rádio esse comportamento se acentuou ainda mais, “[...] se prostitui real e metaforicamente em troca da ascensão social” (TRIGO, 1996, p. 12). Ela não quer formar uma instituição familiar, não quer exercer o mesmo papel que a mãe, que era o de reprodutora, doméstica e de subordinada ao marido.

O narrador nos mostra que Leniza distanciou-se da moral da época por praticar atividade sexual precocemente, como se o valor do dinheiro fosse superior, sendo desonesta com os amantes que arrumou depois que começou a cantar no rádio, buscando ganhar sempre mais dinheiro. No entanto, sabemos que essa ideia de mulher venal é a que mais se reproduz no patriarcado, com isso, não podemos afirmar a concepção de que a personagem Leniza só quer “dinheiro”. Essa ideia de corrupção da personagem pode ser observada ao voltarmos ao caso de Astério, pois há a possibilidade de leitura de que um dos fatores que contribuiu para que Leniza não se interessasse em ter um compromisso sério com o rapaz pelo motivo de o jovem ser: “[...] um pobre-diabo, empregado numa agência de transportes no Cais do Porto” (REBELO, 2009, p. 19). No entanto, esse não pode ser considerado como o único fator que contribuiu para que a referida personagem não quisesse compromisso, já que ela queria dispor da sua liberdade, ou seja, Leniza quer decidir sobre si, tornando-se protagonista de sua vida.

Podemos observar que durante a década de 1930 a sexualidade feminina era considerada, pelas famílias, um patrimônio, pois: “A imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo estado e divulgado pela imprensa” (MALUF; MOTT, 1998, p. 374). Dessa forma, o que se esperava de uma mulher era que fosse uma boa mãe, esposa e dona de casa. Nesse sentido, Leniza era o contrário dessa imagem feminina “normal”, que era o ideal de mulher, pois ela foge da trajetória de mãe e de submissa, optando pela liberdade.

A segunda recusa de Leniza ao projeto familiar foi quando o laboratório em que trabalhava foi vendido, e, ela, por ser muito bonita, continuou como funcionária do novo dono, divulgando e vendendo os produtos nos consultórios médicos. Nesse período conheceu o Dr. Oliveira, um homem solitário que lhe prometeu casamento. No entanto, ela rejeitou, renunciando assim ao amor oferecido pelo médico. Podemos identificar essa rejeição no seguinte trecho:

Um médico, dr. Oliveira, que ela visitava muitas vezes e com quem fizera boa camaradagem, falara claro, de olhos untuosos, pegando-lhe na mão, que lhe montaria casa, lhe daria criados, automóvel...

- O que mais?

Ele não percebeu a zombaria:

- Joias, vestidos, tudo.

- Linda voz, a sua!

- Não acredita?

- Talvez acredite, mas não me interessa agora, Pode ser que um dia...

- Sabida!

- Acha? – fez ela, arregalando os olhos, com ar muito moleque.

Da mesma espécie, recebera outra proposta. Era um médico também, gordo, velhote, antipático. Fora feroz, gritando quase para que a ouvissem na sala de espera cheia:

- Por que não propõe isso à sua irmã? (REBELO, 2009, p. 28).

Uma leitura que pode ser feita em relação a essa proposta do médico é a de que essa sujeição pode ser considerada uma prostituição diferenciada, pois é outro tipo de pagamento – casa, segurança, luxos -, nestes moldes, então, é aceita, porque é convencionalizada pelo casamento, já que ele oferece luxos, para ela aceitar o pedido. A rejeição de Leniza ao projeto familiar pode ser verificada em vários trechos do romance, visto que o médico Dr. Oliveira fez várias propostas de casamento e ela rejeitou todas. Pelo motivo de Leniza desejar liberdade, não queria ficar trancada em casa, presa a um marido, mas ser livre, dispor de sua vida. Conforme podemos verificar nos seguintes trechos, em que o narrador apresenta o diálogo entre Dr. Oliveira e Leniza:

- Você quer casar, não é?

Não o levou a mal. Respondeu-lhe com sinceridade:

- Não sei o que quero, Oliveira. Sei é que não quero o que você me tem proposto.

- Mas que diabo, então, você quer?

- Não acabo de dizer que não sei?

- Você é charada.

[...]

- Você, Leniza, é mesmo uma charada. Você irrita, facilita, mas não consente tudo. Não quer. Também não quer casar, não é?

- Mais ou menos...

- Parece ser uma coisa, não é. Parece querer uma coisa, não quer.

- Eu engano muito.

- Engana a você mesma. Porque, afinal, que é que você quer? Que é que você espera da vida?

Leniza exaltou-se:

- Espero muito, ora! Mais do que supões. Quero ser livre, Oliveira! Dispor de mim, você não compreende? Dispor de mim. Fazer o que entender.

- Ninguém é livre, Leniza. Tolice... (REBELO, 2009, p. 32. 34).

Verificamos que a personagem considerava o casamento uma prisão. Dessa forma, os planos do Dr. Oliveira iam de encontro aos desejos de Leniza, pois ele queria se casar, já ela queria ser livre de compromisso, utilizando os demais relacionamentos como degrau para conseguir o que tanto almejava, ascender socialmente. Portanto, a protagonista considera o casamento como enfraquecimento do feminino, pois agiria de acordo com a vontade imposta pelo marido.

Podemos identificar também que um dos fatores que contribui para Leniza rejeitar a proposta de casamento de Dr. Oliveira foi pelo motivo de o comportamento do referido médico ser semelhante ao comportamento do pai dela, que reprovava, visto que Martin, como Dr. Oliveira, tinha muitas dívidas, consequência do jogo, e ambos recorreram aos agiotas para pagar as dívidas; outro fator que pode ter contribuído foi porque o médico, como o pai dela, também tinha uma clientela pequena.

- Para que você joga, Oliveira?

- Não sei.

Ela calou-se. Sentiu-se fraca para lutar por ele. Incapaz de socorrê-lo. Não se sentia com coragem de desperdiçar as suas forças em problemáticas tentativas. Precisava

egoisticamente de suas forças para atingir os seus fins. Limitou-se a perguntar:

- Ele era do jogo?

Oliveira procurou apoio, contando tudo. Não. Não era. Era um agiota a que recor-
rera. Perdera seguidamente. Atrasara o aluguel do consultório, o aluguel do aparta-
mento, o aluguel da garagem, da bomba de gasolina. Atrasara a pensão, o alfaiate...
Não havia outra solução senão um agiota. Pediu três contos. Liquidara todas as dívi-
das (mentia), o pouco que sobrou, perdeu. Contava poder pagar na data. Foi impos-
sível. A clientela cada vez pior... (REBELO, 2009, p. 107)

Leniza via em Oliveira a figura do pai, mesmo gostando muito do médico não quis se firmar com ele, pois não queria a mesma vida de dona Manuela, uma dona de casa submissa, que vivia subjugada a um marido que gastava o dinheiro que ganhava com bebida, jogo e luxos burgueses. Observamos também que mesmo ela se preocupando com o médico, o desejo de realizar seu sonho falava mais alto, não podia gastar as suas forças ajudando a ele, porque precisava “egoisticamente” de suas forças para atingir os seus objetivos. No entanto, na medida em que Leniza vai ficando mais conhecida como can-
tora, ela também adquiriu muitas dívidas, cometendo o mesmo erro do pai, por passar a amar muitos luxos burgueses: “[...] vítima de sua própria vaidade.” (ADONIAS FILHO, 1969, p. 143). Leniza enxer-
gava apenas o objetivo almejado, não se importando com as práticas que estava utilizando para alcan-
çá-lo, considerando o casamento como um fator que comprometeria a sua realização pessoal, ou seja, a prática de Leniza pode ser considerada uma afronta social, por isso é “punida” no texto, em princípio de verossimilhança.

Leniza apresenta um perfil oposto ao de muitas mulheres de seu tempo, pois lutou para so-
breviver a seu modo, sem seguir regras; dentro de uma sociedade que sempre viveu à margem, ela não se esforçava para conservar virtudes e nem dissimular as necessidades naturais do seu corpo, tendo como característica a afirmação de si mesma, concordando com a descrição de mulher moderna feita por Kolontai (2011):

Esta é a mulher moderna: a autodisciplina, em vez de um sentimentalismo exage-
rado; a apreciação da liberdade e da independência, em vez de submissão e de falta
de personalidade; a afirmação de sua individualidade, e não os estúpidos esforços
por identificar-se com o homem amado; a afirmação do direito a gozar dos prazeres
terrenos, e não a máscara hipócrita da “pureza”, e finalmente, o relegar das aventu-
ras do amor a um lugar secundário na vida. (KOLONTAI, 2011, p. 99)

Leniza é uma mulher que se diferencia da maioria das mulheres da década de 1930. No entan-
to, mesmo ela sendo revolucionária, ela tinha o desejo de ser integrada à sociedade carioca, para isso se
utiliza de práticas que se opõem aos princípios morais, conforme as palavras de Trigo (1996, p. 66): “Ela
se serve do que pode: de si própria e do que tem nas mãos: a dissimulação e a sensualidade fazem parte
de seu repertório. Ela simplesmente ‘precisava subir e por isso se entrega à toa’”, lutando por liberdade
e autonomia.

Marques Rebelo mostra como a personagem está ligada ao meio social, e a importância do
rádio na sociedade carioca da década de 1930. Conforme delineia Trigo (1996, p. 67): “[...] Leniza vê no
estrelato não a satisfação egoísta de um capricho pessoal, nem mesmo o objeto de uma vocação irre-
freável, mas, de forma clínica, fria, a forma de escapar de um destino previamente traçado, de quase-

miséria material e afetiva”. Ela viu no rádio uma saída para não seguir o destino predeterminado para as mulheres da época, principalmente as pobres, tornando-se independente.

O comportamento da personagem Leniza desafia os modos de comportamento impostos para a mulher. Dessa forma, ela pode ser considerada o oposto do estereótipo feminino, pelo motivo de não querer casar e ser mãe, considerando inútil a forma como fora educada para percorrer os caminhos da vida. Podemos afirmar que a passividade e a submissão, inculcadas na cabeça das mulheres durante séculos, são consideradas por Leniza como prejudiciais, fato que concorda com as concepções de Kolontai (2011) ao definir o perfil de uma mulher moderna:

As virtudes femininas – passividade, submissão, doçura – que lhe foram inculcadas durante séculos tornam-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais. A dura realidade exige outras qualidades nas mulheres trabalhadoras. Precisa agora de firmeza, decisão e energia, isto é, aquelas virtudes que eram consideradas como propriedade exclusiva do homem. (KOLONTAI, 2011, p. 16-17)

Leniza corresponde a uma mulher fora dos padrões de comportamento, por vários motivos, um deles é porque teve um relacionamento homoafetivo em troca de dinheiro e vantagens no meio artístico; o outro é por vender o corpo a vários homens, não seguir normas e não querer constituir uma família. Uma mulher que passou a procurar outros companheiros na medida em que estava com dificuldades financeiras, como podemos observar quando Leniza terminou o relacionamento com Dulce e procurou Porto, diretor de radiodifusão da emissora Metrópolis (o qual tinha muito carinho e atenção por ela), e fez a seguinte proposta:

- Você está livre, Porto?
 - Livre como?
 - Sem compromisso com alguma mulher.
 - Felizmente...
 - Você me acha cara por seiscentos mil-réis por mês, durante um mês?
 - Como?! – fez ele surpreso.
 - Quero ser tua durante um mês. Um mês só. Enquanto o bestalhão do Amaro não volta. Acha caro?
 - Não. Barato. Barátíssimo – (estava assombrado!).
 - Pois sou tua.
- Achavam-se no gabinete de Porto. Ela levantou-se da cadeira e sentou-se no colo dele, que a beijou com uma certa ternura, com a ternura de quem beija uma criança travessa:
- Maluquinha! (REBELO, 2009, p. 168)

O relacionamento com Porto foi o terceiro por dinheiro, depois que ela começou a cantar na rádio. Ela fez essa proposta porque estava disposta a aguentar todas as consequências, menos voltar para a miséria de antes, entregando-se sinceramente por necessidade de dinheiro, ou seja, Leniza tinha um problema real e precisava dar conta dele. No entanto, quando ela viu que não ia poder pagar as despesas com médico e farmácia com o que recebia de Porto, Leniza terminou o relacionamento, mesmo tendo muito carinho por ele, deixou de lado as sentimentalidades, considerando mais importante o

dinheiro que precisava. Para alcançar o que queria, iniciou um relacionamento com o velho Amaro, que era um homem muito rico, como já tinha combinado com Porto, que ficaria com ele até Amaro voltar de viagem.

Pelo motivo de ter terminado com Porto, Leniza deixou de cantar na emissora de rádio Metrópolis e foi para a Continental, que era uma emissora maior. Quando Leniza começou a cantar na Continental, observamos que ela conseguiu subir mais um degrau na escada do sucesso, como pode ser identificado no trecho que segue:

Dois dias depois aparecia na Continental, que era uma estação infinitamente mais importante, graças aos esforços conjugados de Amaro e Negrinho, que tinham muita influência junto ao diretor artístico. Entrou, e entrou com o pé direito. Mário Lino, Antônio Augusto e Zé-com-Fome tinham feito um samba, *Gastei Todo o Meu Amor com um Homem Só*, que foi lançado por ela na estreia com um êxito considerável. Os pedidos choveram na estação para que ela o repetisse. Na mesma noite bisou-o. Incluiu-o sempre como primeiro número nas audições seguintes e uma semana depois gravou-o para o Discor. Durante um mês não se cantou outro samba na cidade. Seu nome subiu cem por cento de cotação. A *Carioca* deu-lhe o retrato na capa. A *Radiofonia* alargou-se numa entrevista em que apareceu respondendo a uma infinidade de questões que não lhe tinham sido perguntadas (- Qual é o maior desejo da sua vida? - Amar!) (REBELO, 2009, p. 178)

Verificamos que o narrador coloca a subida de Leniza sempre por meio da ajuda de outros, menos pelo talento dela. O narrador também se utiliza da ironia, como podemos constatar na fala da protagonista, ao ressaltar que seu maior desejo é amar, pois o que ela quer é ascensão social. Leniza não se importava em manter relações sexuais com Mário Alves, mesmo ele sendo casado, contanto que ele a ajudasse na rádio, estando disposta a enfrentar as consequências de todos os seus atos. Verificamos que a protagonista ao optar pela liberdade aceitou algumas consequências, tais como: sofrimento e humilhações. Isso pode ser confirmado no trecho que segue, em que ela, ao conversar com Mário Alves, pronuncia o seguinte discurso:

Para que esconder aquilo que, mais tarde ou mais cedo, eu viria a saber? Chega a ser besteira. E esconder logo o quê? A aliança! Ser casado, por acaso, é pecado?
Mário Alves estava desconcertado:
- Não fiz por mal, Leniza. Pode crer. Verdadeiramente eu sou solteiro. Não nos damos bem, eu e minha mulher. Nunca nos demos.
- E, para provar, têm cinco filhos.
Mário Alves riu:
- Falo sério, Leniza.
- Dispensio explicações. Não estou pedindo nenhuma. Só disse que você poderia ter dito que era casado. [...] Pensava que isto impediria alguma coisa da minha parte? Absolutamente. Casamento não me interessa. Nem o meu, quanto mais o dos outros. Não me interessa, nem me impede. Sou livre. Ponho e disponho da minha vida. Se der mau resultado, pior para mim. (REBELO, 2009, p. 71-72)

Dr. Oliveira, sempre que se encontrava com Leniza, queria mostrar o lado negativo da vida

dela, mas ela não o escutava: “- Está ancorada em outro porto é? [...] - Regular. Com o tempo pode-se arranjar abrigo melhor. - Cuidado para não afundar. Acontece muito. - Não tenho medo. Eu sei boiar. - Bem sei. Estou avisando apenas. Quem avisa... - Oh, agradecida!...” (REBELO, 2009, p. 179). Por meio do fragmento, podemos afirmar que Leniza é uma mulher decidida e disposta a enfrentar todas as consequências para poder alcançar os seus objetivos, mesmo dona Manuela e Dr. Oliveira procurando encaminhá-la para o mundo da “ordem”, ela continua em sua posição de subversiva.

É importante ressaltar que a mulher naquela época não podia atuar de maneira livre em determinado contexto, ela devia satisfação ao pai ou ao marido, pois de acordo com a ordem jurídica, o Código Civil de 1916: “[...] incorporava e legalizava o modelo que concebia a mulher como dependente e subordinada ao homem, e este como senhor da razão” (MALUF; MOTT, 1998, p. 375), sacramentando a inferioridade da esposa em relação ao marido. Aos homens e às mulheres eram distribuídos papéis diferentes e complementares, mas não tinham igualdade de direitos, perpetuando a submissão da mulher ao homem.

De acordo com as concepções de Rachel Soihet (2004, p. 363), as mulheres “Estavam impedidas do exercício da sexualidade antes de se casarem e, depois, deviam restringi-la ao âmbito desse casamento”, as que transgredissem eram tachadas de mulher pública, de vida fácil. Segundo Cláudia Fonseca (2004), para ser considerada honesta, ela devia se casar, e para se casar tinha que ser virgem, caso contrário o marido podia pedir a nulidade do casamento. Por esse motivo Leniza foi reprimida e abandonada pela mãe, por não obedecer ao modelo ideal de comportamento pré-estabelecido pela cultura da sociedade da época. Fica evidente que para Leniza a situação de mãe e esposa acarretaria o abandono da carreira como cantora de rádio, conseqüentemente não se tornaria independente, não conquistaria o seu espaço na sociedade. Ela desejava liberdade, mesmo que tivesse como consequência aceitar o sofrimento e as humilhações, passando a viver de aparências, sendo vítima do próprio desejo.

O narrador nos apresenta a ascensão de Leniza como uma queda, porque para alcançar o sucesso ela vai de encontro aos valores morais, pois quanto mais ela se tornava famosa, mais aumentava o seu fracasso moral. Sua descida maior foi quando ela engravidou de Amaro, considerando essa situação uma desgraça: “[...] a desmoralização mais completa, a certeza de que sua mãe não a perdoaria. Seria a positivação de todas as suas faltas, seria a verdade entrando afinal, nua e crua, pelos olhos de dona Manuela” (REBELO, 2009, p. 193); e praticou o aborto clandestinamente, motivo pelo qual dona Manuela a abandonou, pagando pelas atitudes reprovadas socialmente.

Mesmo com o fracasso moral, o desejo de brilhar não se apagou, pois Leniza continuou com o seu propósito de se tornar ainda mais famosa, não se importando em explorar e ser explorada. Leniza, em sua trajetória, tramitava por dois universos, o da ordem e o da desordem, representados respectivamente pelo ambiente doméstico e a rádio/a rua. Logo, ela tinha dois destinos a escolher, o que fazia parte do mundo da ordem, que seria a construção de uma família, por meio do casamento; e o da desordem social, que seria a vida pública, o qual Leniza escolheu, utilizando o corpo como uma mercadoria de troca, indo de encontro à norma social vigente. Desse modo, a protagonista pode ser enquadrada como uma personagem subversiva, uma mulher que buscou cortar os laços com quem podia atrapalhar os seus planos, e passou a se prostituir para conseguir dinheiro, ou seja, utilizando o corpo como um instrumento de trabalho, desobedecendo às convenções sociais. Leniza buscou seu espaço, desrespeitando a conduta pré-estabelecida pela sociedade vigente, para se tornar uma famosa cantora de rádio, um sonho comum a muitas moças durante a década de 1930, e sem perceber passou a ser um objeto

de consumo de várias pessoas.

Leniza é uma personagem revolucionária para seu tempo, pois queria ser uma mulher livre, independente, que não dá satisfação de seus atos, conduta avançada para época. Contudo, Leniza, mesmo estando além da sua época, também estava sujeita a cumprir determinadas condições sociais, pois ela foi abandonada pela mãe, pelo motivo de utilizar o corpo como uma chave para conseguir alcançar o sucesso, que tanto almejava, como cantora de rádio. Ela não tem consciência social de que está sendo explorada, pois, por sua obsessão pela fama a qualquer custo, submete-se a todo o tipo de situação humilhante.

Diante do exposto, podemos afirmar que a personagem Leniza apresenta uma personalidade que foi influenciada pelas experiências que teve, pelo ambiente em que cresceu e pela origem humilde, que durante a infância presenciou o sofrimento da mãe, dona Manuela, e as humilhações do pai, seu Martin, passando por muitas dificuldades após ficar órfã de pai. Dessa forma, todos esses fatores podem ter contribuído para que a personagem tivesse esse desejo de ganhar dinheiro para ajudar a mãe, e também pode ter cooperado para que ela rejeitasse o casamento com Dr. Oliveira, pois não queria repetir a mesma história dos pais.

A narrativa apresenta um enredo polêmico diante de um tempo em que a dominação masculina se mostrava relevante, um período em que a mulher era vista segundo as regras machistas e patriarcais apenas com a finalidade de casar, procriar, cuidar da casa, dos filhos e do marido. A protagonista apresenta um perfil diferenciado, almejando atingir uma situação financeira relevante, aproveitando-se de suas relações, principalmente dos homens, para poder obter fama, podendo ser considerada uma mulher à frente de seu tempo.

O narrador de *A estrela sobe* dá liberdade de se expressar à personagem feminina, mostra uma mulher que está além do seu tempo, confirmando a atualidade da obra, ainda que um empoderamento limitado, pois observamos que quanto mais Leniza se aproxima da fama mais sofre com o preconceito. Uma personagem feminina que se impõe, entrando em confronto com a sociedade. Ela sai do universo da ordem para o da desordem, pois deixa de obter dinheiro com o seu trabalho como vendedora de remédios nos consultórios do centro do Rio de Janeiro, para desfrutar de uma “vida libertina”. De acordo com Trigo (1996, p. 64), Leniza estava disposta a: “[...] pagar qualquer preço e a realizar todas as concessões para realizar seu sonho – em que se confundem realização profissional e ascensão social – é a mais bem-acabada de toda a galeria de personagens de Marques Rebelo”. Corresponde a uma personagem que apresenta uma construção subversiva, por ser alheia à figura feminina estereotipada de seu tempo histórico.

Mesmo com todos os percalços e peripécias vivenciados por Leniza, a referida personagem não perdeu o desejo de querer subir sempre mais, ser uma estrela, apresentando uma ruptura ao modelo tradicional de mulher, por não aceitar imposições, conquistando seu espaço, antes revogado. Assemelhando-se com muitas mulheres da atualidade, que: “[...] passam as tardes em seus locais de trabalho e questionam as decisões e atos de seus parceiros quando eles as atingem direta ou indiretamente” (SCHWANTES, 2006, p. 13), ou seja, é uma personagem que se coloca numa posição de igualdade em relação aos homens, questionando a sua função dentro da sociedade.

Dessa forma, Leniza se enquadra como uma mulher subversiva, liberta, decidida e independente. Uma mulher que se expressa livremente e que não se encaixa no ideal de feminilidade da sociedade tradicional, pelo motivo de não querer ficar confinada no espaço da casa, que era o destino

das esposas e mães, e desafiar os comportamentos ditados pela sociedade para a mulher. A referida personagem rompe com o círculo familiar, mas não alcança a plena liberdade e autonomia, pois ela “usa”, mas também é “usada” pelas pessoas com as quais se relacionou. Conforme pudemos observar, Leniza passou a viver de acordo com o que fosse mais conveniente para conseguir vantagens, lançando mão dos valores morais com o objetivo de ascender socialmente como cantora de rádio. A protagonista é uma mulher subversiva, pois mesmo sendo educada para o casamento, ela fugiu desse destino que considera limitado, transgredindo as normas impostas pela sociedade, ou seja, Leniza vai de encontro com o estereótipo feminino da época e desconstrói o modelo de conduta estabelecido pela ordem social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dilemas e percalços vividos pela personagem Leniza, do romance *A estrela sobe*, verificamos que o processo de construção da referida protagonista reflete uma mulher consertada, contrária à figura feminina estereotipada de seu tempo histórico, por apresentar uma sexualidade que estava fora dos padrões da cultura da época, desafiando o comportamento ditado pela sociedade, não se encaixando no “ideal” de feminilidade. Observamos que Leniza se distancia ainda mais dos valores morais ao conseguir se tornar cantora, que mesmo Leniza tendo lutado para cantar na rádio, um fato comum na década de 1930, ela não é reflexo do “ideal” de mulher da época, por ter rompido com o círculo familiar, lançando mão dos valores morais com o objetivo de ascender socialmente.

Portanto, Leniza é uma figura feminina ousada, podendo ser considerada o oposto do estereótipo feminino definido pela sociedade da época, por optar por ficar solteira, já que o casamento era o futuro predeterminado para as mulheres, e por utilizar o corpo como uma mercadoria, não apresentando a postura feminina para a mulher daquela época. Dessa forma, podemos afirmar que Leniza evidencia a construção subversiva da personagem feminina, por meio da rejeição ao casamento e à maternidade, e por vender o corpo a várias pessoas, indo de encontro com os valores da família tradicional.

É inevitável não fazer uma reflexão sobre as inúmeras mulheres que como a personagem Leniza também se submetem às mesmas peripécias, levando-nos a pensar acerca dos motivos que fazem com que utilizem o corpo como uma moeda de troca, sendo considerada como desviante da moral. Por extensão, levam-nos a refletir acerca de muitas mulheres que passaram (e ainda passam) pelos mesmos dilemas, sendo reprimidas socialmente.

REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. O romance brasileiro de 30. Rio de Janeiro: edições Bloch, 1969.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: a experiência vivida. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 2.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CALABRE, Lia. A era do rádio. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

DAMATTA, Roberto. A Casa & A Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (org.). Histórias das mulheres no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 510-553.

KOLONTAI, Alexandra. A nova mulher e a moral sexual. 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (org.). História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-421.

REBELO, Marques. A estrela sobe. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. OPSIS – Revista do NIESC, v. 6, p.7-19, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/Opis/article/viewFile/9308/6400>. Acesso em: 02 de maio de 2016.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (org.). Histórias das mulheres no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 362-400.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. O que é violência contra a mulher. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TRIGO, Luciano. Marques Rebelo: mosaico de um escritor. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, (Perfis do Rio; 9), 1996

RECEBIDO EM 30/05/2020 | APROVADO EM 11/01/2021

